



pt Reflexão Anti-Capitalismo Anti-Colonialismo

### Reencontrar a águia interior: a tarefa política da nossa geração

AN Original

A geração de brasileiros e brasileiras da qual derivo é obrigada a assistir diariamente o voo de galinha do seu projeto civilizacional. É açodada em sua inteligência e constantemente convidada a sufocar a águia(...)

Por Rafael dos Santos da Silva



pt Reflexão Anti-Capitalismo Anti-Colonialismo

### A anatomia silenciada do COVID-19

AN Original - Alice Comenta

Este artigo faz parte da série Alice Comenta da autoria da equipa do Programa de Investigação Epistemologias do Sul, publicada no Alice News com cadência semanal.

Por Maria Paula Meneses



pt Notícias Anti-Capitalismo Anti-Colonialismo Anti-Heteropatriarcado

### NOVA PUBLICAÇÃO CES-ALICE

#### *Mestras e Mestres do Mundo: Coragem e Sabedoria*

AN Original

Ser genial não chega, é preciso coragem para mudar os corações das pessoas! A frase, saída de um filme, [Farrelly, Peter. (2018). Green Book], misturando facto e imaginação, vida real e estória contada,(...)

Por Boaventura de Sousa Santos, João Arriscado Nunes, Susana de Noronha, Teresa Cunha



pt Reflexão Anti-Capitalismo

### O neoliberalismo e o estatismo autoritário em tempos de crise: a pandemia do Covid-19 e a força da confiança e da solidariedade

AN Original - Alice Comenta

Este artigo faz parte da série Alice Comenta da autoria da equipa do Programa de Investigação Epistemologias do Sul, publicada no Alice News com cadência semanal.

Por José Manuel Mendes



es Reflexión Anti-Capitalismo Anticolonialismo Anti-Heteropatriarcado

### El “desenvejecimiento” del mundo

AN Original

En la vida personal, el envejecimiento depende menos de la edad fisiológica que de la edad social. La edad social es inversamente proporcional a la capacidad de pensar, sentir y vivir lo nuevo como futuro, como(...)

Por Boaventura de Sousa Santos



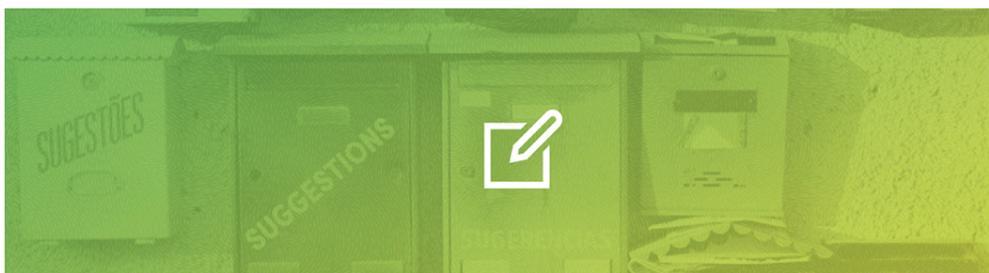
en Reflection Anti-Heteropatriarchy

### Southern Africa: Rural Women's Assembly - 10 years on

AN Original

Rural Women's Assembly (RWA) of Southern Africa gathered together at Wits University, in Johannesburg from 26-29th November, 2019 to reflect on the ten years since our founding assembly in 2009. We have much to(...)

By Rural Women's Assembly (RWA)



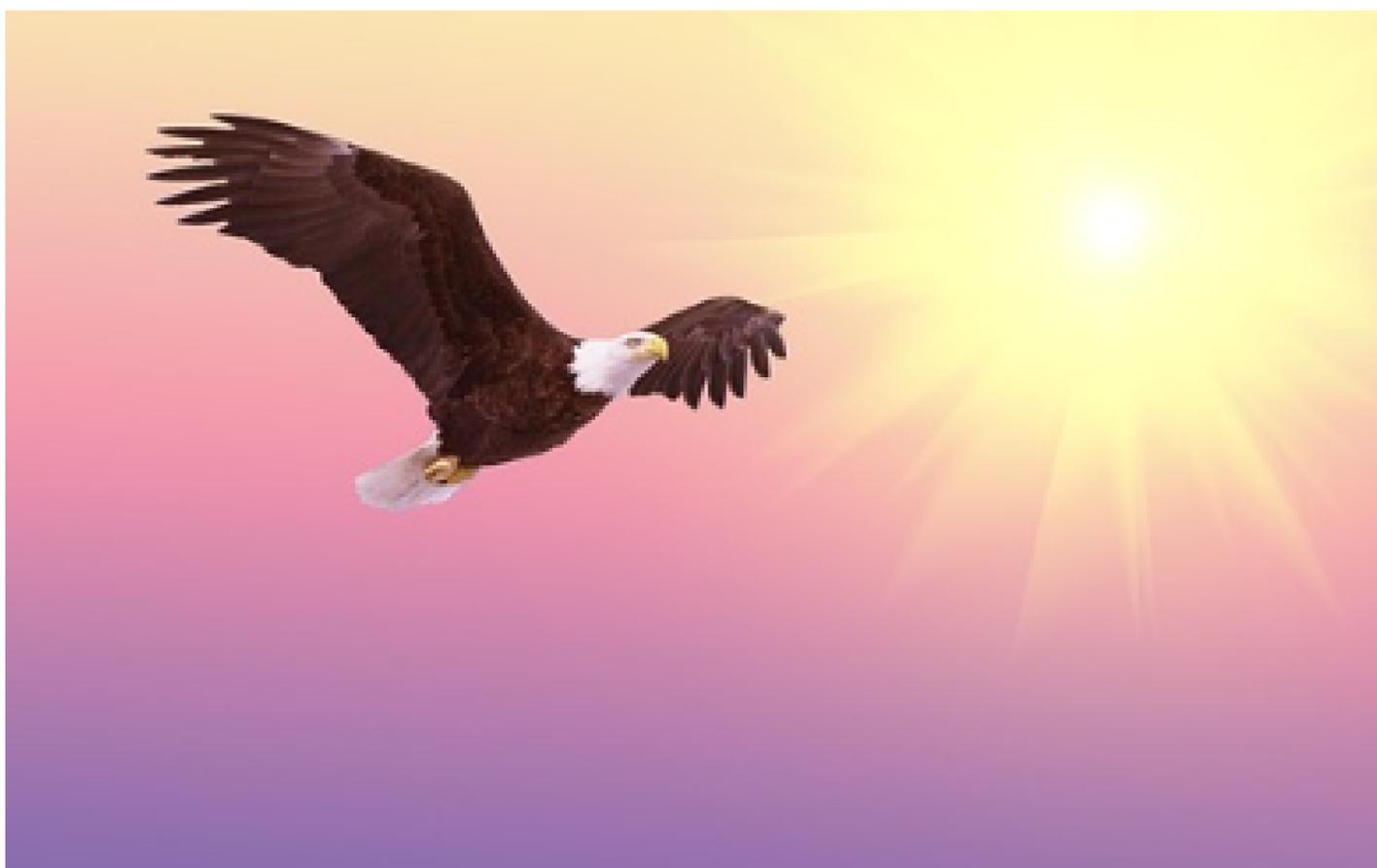
# Reencontrar a águia interior: a tarefa política da nossa geração

## AN Original

2020-03-18

Por Rafael dos Santos da Silva

A geração de brasileiros e brasileiras da qual derivo é obrigada a assistir diariamente o voo de galinha do seu projeto civilizacional. É açodada em sua inteligência e constantemente convidada a sufocar a águia que há dentro de si, para contentar-se com o insuportável destino marcado por ciscos e bicos da galinha. Para refletir sobre o estágio democrático, político e económico quero recorrer a potente metáfora da águia e da galinha brilhantemente refletida por L.Boff para a partir dela defender que “todo aprendizado tem uma data” inclusive este em que estamos a enfrentar no Brasil.



*“Certa vez um naturalista fora visitar um fazendeiro que havia colocado um filhote de águia junto com filhotes de galinhas. Ali a águia fora acostumada com a vida de galinha, sempre a espera de um punhado de alimento, presos a lógica de buscar pouco e igualmente contentar-se com pouco. O naturalista percebeu a situação. Incomodado resolveu agir sobre aquela maldade que atrofiava a águia agora já crescida. Por duas vezes, ao sustentar a ave sobre seus braços recorria a apelos de identidade com a esperança de recobrar seu destino e fazê-la ir ao encontro da sua história, dizendo: “já que eis águia, já que pertences ao ar e não a terra, voe...” Mas, asas e pensamentos estavam atrofiadas de modo que preferia regressar para o meio das galinhas. Não faltava quem dissesse “era virou uma simples galinha” até que uma última tentativa fora feita. Levaram-na a um penhasco onde o amanhecer do sol dourava o cume das montanhas. Naquele momento a águia fora desafiada a olhar o abismo que lhe impunha medo, mas igualmente o horizonte que lhe resgatava a esperança. Entre esses dois sentimentos, a águia recobrava seus instintos adormecidos, restaurava suas forças e compreendia o desafio por vir. Então, o naturalista sussurrou no seu ouvido: águia, tu eis águia. Tu pertences ao ar e não a terra, por isso voe...” Nesse momento, a águia fitou o sol a surgir imponente no horizonte, se ergueu sobre suas asas, buscou impulsos sobre suas pernas e voo soberana para reencontrar seu projeto último de liberdade.”*

A nossa geração filha que é da águia, fora posta em terreno cercado, obrigada a conviver como galinhas. Naturalizamos o fato de sobreviver de migalhas e a não ousar... Nos acostumamos com as novas configurações sociais que se aproximam dos limites críticos de convivialidade. As migalhas oferecidas pela teoria económica defendida pelo *mainstream*, colocou a razão positivista na frente da solidariedade. A modernidade, e em especial a urbanidade, estabeleceu raízes naquilo que o filósofo Karl Otto Apel denunciou como sendo o processo de “**autonomização acentuada da economia**”. Em outras palavras, a migração da economia real (pautada no cuidado das pessoas) para uma economia tecnicista (dirigida por códigos e robotes).

Um rápido exame nos dados recentes do **IBGE**, é possível observar o desenhar de um perigoso caminho escolhido recentemente pela elite brasileira. Segundo o instituto os níveis de concentração de renda alcançaram patamares insustentáveis. A renda do 1% mais rico cresceu 8,4% em detrimento dos 30% mais pobres que viram suas riquezas diminuir em 4%. A distância entre quem ganha mais e quem ganha menos chega a alarmantes 34 vezes. Um verdadeiro apartheid social. Para ficar claro, estar-se a falar aqui de quem ganha (per capita) R\$ 158,00 mês contra R\$ 27.744,00 ou U\$ 6.326 contra U\$ 35,97. Não há limites de sustentabilidade dentro desses parâmetros distributivos.

No terreiro das galinhas há um verdadeiro nó godio cada dia mais difícil de ser desatado. Isso porque a economia tecnicista é mais rentável para uma pequena parte da sociedade, especialmente aqueles que exercem poder sobre os códigos computacionais, e automaticamente torna-se menos rentável para a maioria social. Manfredo Oliveira na sua obra “Ética, Direito e Democracia” aponta alguns resultados do crescimento tecnológico e seu mal uso na economia ao indicar que “o aumento significativo da produção de riquezas pela via tecnológica, faz surgir também uma quantidade muito maior de miseráveis” o resultado dessa crise não pode ser outra senão a degradação social, a “globalização da violência” e a destruição ecológica.

Temos por assim dizer uma economia adoecida cuja eminência dar-se pela predominância da *propriedade* privada sem referências éticas, nem tão pouco responsabilidade coletiva. A sociedade e a economia estão numa grande encruzilhada. Uma potente e perigosa rota de colisão que se abre a uma verdadeira “crise da civilização tecnicista”.

Ao dominar a informação, a economia e as leis, a sociedade elitista produz o atraso. O lugar de voos rasteiros e cabeças baixas. No terreno das galinhas, aonde é estabelecida um movimento carcomido para manter o status-co, elege-se como inimiga as instituições que aderem a resistência histórica, como os sindicatos e toma-se de assalto aquelas que deveriam regular a sociedade. Pensava-se que esse tipo de classe estivesse interessada em dominar os modelos tradicionais da economia como os fluxos industriais, comerciais e de serviços. Mas, o caso do Brasil é emblemático para se observar que esses comportamentos não tem limites. Hoje se assiste a política sem escrúpulos com forte participação de milicianos, o tráfico internacional de drogas teve assento em voo presidencial, e o tráfico de armas será combatido pela oficialização?

No terreiro das galinhas ocorre a dronização da democracia. Boaventura Sousa Santos atesta que a dronização é o próprio sequestro das instituições e do estado de direito. Dar-se no regresso ao estado de exceção via força e pelo alto grau da vigilância e do controle. A democracia dronizada é, portanto, uma sociedade engessada pelo medo, que não evolui tão pouco guarda a expectativa no futuro, porque o presente lhe serve enquanto camisa de força. É a própria personalização do nosso estado de galinha.

A dronização da democracia caracteriza-se pelo acrisolamento da liberdade e imposição do medo a constituir-se numa eterna narrativa do acomodamento fazendo supor não haver disputa, mas apenas conformação. Não há possibilidade, mas somente a espera que se cumpra o destino dado. Um verdadeiro projeto de medo a nos obrigar a ciscar cabis-baixo em busca de migalhas. Grassa sob o terreno das galinhas um projeto de morte.

A ideia freiriana nos lembra que “toda aprendizagem tem uma data” e nesse sentido, compreender o tempo presente é escutar alguém sussurrar “...voe, tu eis feito para o ar e não para a terra...” A minha geração já escuta esses sussurros?

Passa da hora de irmos ao pico da montanha a esperar o sol raia. Isso significa reocupar os espaços políticos mais próximos a nós, como os sindicatos de nossas categorias, juntarmos força e sabedoria junto as comunidades tradicionais, construir no conjunto aos mais vulneráveis como as crianças e os idosos uma contracultura do conformismo. Estabelecer relações respeitadas e comprometidas com grupos étnicos historicamente açodados em suas riquezas e entender que não há voo de águia que não contemple a beleza da ecologia.

O peso da história recai sobre os ombros de minha geração e consiste fundamentalmente em “aprender a aprender” a aprendizagem imposta por esses tempos sombrios em que estamos a *flertar* com o fascismo. Gerações anteriores dão conta que a saída passa pela resistência organizada e, sobretudo coletiva. A partir da metáfora da águia e da galinha, devo dizer que precisamos fitar os olhos na intensa luz que se abre impunemente, ter medo do abismo que se abre sob os pés, mas principalmente se apegar na força e na esperança apontada no horizonte cintilante.

Para finalizar, recorro novamente a L. Boff quando bem disse que “cada um hospeda dentro de si uma águia. Sente-se portador de um projeto infinito”. Precisamos aprender a reencontra-la para aí quem sabe, reencontrar nosso projeto infinito. Quem sabe não encontremos aí o impulso necessário para abrimos as asas, alçar voo e ir ao encontro da nossa liberdade?

Para tanto, é preciso superar o medo e alçar a esperança das alturas. Voar de forma soberana rumo a liberdade! Afinal, “*Tu eis águia. Tu pertences ao ar e não a terra, por isso voe...*”

---

Rafael dos Santos da Silva é Professor Universidade Federal do Ceará – UFC e Doutorando em Sociologia - UC



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.  
Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.  
Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.

# A anatomia silenciada do COVID-19

## AN Original - Alice Comenta

2020-03-17

Por Maria Paula Meneses

Este artigo faz parte da série *Alice Comenta* da autoria da equipa do Programa de Investigação Epistemologias do Sul, publicada no Alice News com cadência semanal.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) acaba de declarar o novo coronavírus responsável pela atual pandemia. O COVID-19 é uma síndrome respiratória altamente contagiosa e potencialmente fatal, como os média nos vão dando conta, um pouco por todo o mundo. Mais de 6.000 mortos até ao momento, cerca de 160.000 casos de contaminação identificados.



@Gerd Altmann

Enquanto escrevo este artigo recebo informações sobre a propagação do COVID-19 pelo continente africano. Se há um par de semanas vários jornais se indagavam da razão dos poucos casos de infeções produzidas pelo novo coronavírus, a realidade hoje é bem diferente: em África estão diagnosticados cerca de 300 casos de COVID-19 em vários países, contando-se já vários mortos. De entre os países mais atingidos estão o Egito, a Argélia, a África do Sul, o Senegal e a Tunísia. Na maioria dos casos a cadeia de transmissão começou sobretudo na Europa: Itália, Espanha, Áustria, Reino Unido, Alemanha, Holanda, França e Suíça.

São diversas as hipóteses avançadas para explicar o 'atraso' da chegada do COVID-19 ao continente africano. Desde logo as condições ambientais. Aparentemente o coronavírus não gosta de calor. Este fator, associado à população relativamente jovem do continente podem justificar a ainda fraca taxa de infeção pelo coronavírus. Apesar da China – onde a pandemia começou – ser o principal parceiro comercial do continente, como explicar as baixas taxas de contágio a partir da Ásia? Terá sido pela quarentena a que os cidadãos da China têm estado sujeitos à chegada a países africanos? Esta realidade

desafia a imagem de África reproduzida ainda pelo Norte global, para quem o continente é um espaço de problemas. Esta pandemia projeta outra imagem. O número significativo de europeus em África, diagnosticados com coronavírus está na origem de um debate sobre a 'segurança' do continente. Um jornal senegalês chegou mesmo a ironizar que a França planeava 'colonizar' a sua antiga colónia, depois de dois cidadãos franceses recém-regressados ao país terem tido um diagnóstico positivo. No caso da Nigéria, a primeira pessoa diagnosticada com COVID-19 foi um cidadão italiano de regresso ao trabalho, depois de passar férias no seu país. Atualmente, a Itália, a Espanha e a França estão entre os países com maior número de infeções por coronavírus. As dificuldades com que os africanos se deparam para entrar na Europa ajudam a explicar esta chegada tardia do vírus, através do vetor Europa.

Múltiplas medidas drásticas estão a ser implementadas em vários países africanos para conter a pandemia. Para além da implementação de sistemas nacionais de monitoria das pessoas infetadas e de todos com quem estiveram em contacto, inclui-se o limitar draconiano de viagens internas e ao estrangeiro; a interdição de grandes ajuntamentos; o cancelamento de celebrações públicas; o encerramento imediato de escolas e universidades; a intensificação do controlo da higiene e campanhas maciças de informação sobre os riscos do COVID-19, tentando dissipar mitos. Em suma, a pandemia mostra-nos que o vírus não respeita fronteiras, sobretudo quando o tráfego aéreo de passageiros quase duplicou na última década. Pelos contactos as pandemias propagam-se em África, parte do mundo global. Com a pandemia ainda no início, é difícil antecipar o verdadeiro impacto do COVID-19 no contexto africano.

Várias ações estão em marcha. Os governos nacionais, com apoio da OMS e de outras agências internacionais têm vindo a reforçar quer a capacidade dos países africanos para testar o vírus, quer o treino de profissionais de saúde. Em paralelo, a pandemia expõe a anatomia dos dilemas da saúde pública e justiça social que países em desenvolvimento enfrentam. O fenómeno, intenso, de urbanização em África tem vindo a transformar as cidades em conjuntos de bairros densamente povoados, e frequentemente com poucas infraestruturas. Os governos e organizações têm apelado no sentido de se manter um distanciamento social, fundamental para ajudar a reduzir a taxa de infeção; como aplicar este distanciamento quando, por exemplo, os mercados informais e o comércio porta a porta são uma das principais fontes de rendimento familiar? Como evitar transportes sobrelotados, em contextos onde os serviços de viação públicos são insuficientes?

No contexto de Moçambique, um dos conselhos avançado pela OMS e pelo Ministério da Saúde é o de lavar as mãos regularmente, pois o sabão e a água são ótimos para combater os vírus. Porém, muitas das habitações dos bairros populares não dispõem ainda de água corrente. Apenas 49% da população tem acesso à água potável, sendo as zonas urbanas as mais favorecidas, com 80%. A agravar esta situação está a seca e a queda irregular de chuvas, que impõem restrições ao fornecimento de água, particularmente nas cidades de Maputo, Matola e Boane. No conjunto, estas urbes correspondem a mais de 4 milhões de habitantes.

A penetração do COVID-19 em Moçambique, como noutros contextos africanos, é facilitada pelo contexto altamente desigual herdado da relação colonial-capitalista. A destruição de habitats ambientais, a agricultura empresarial a larga escala, a urbanização rápida e o enfraquecimento das redes de informais de segurança social criam condições para surtos virais de impacto dramático. A incapacidade do Estado moçambicano em atender às necessidades urgentes e básicas dos seus cidadãos, quase meio século após a independência contribui para a nossa insegurança. Não nos esqueçamos, por exemplo, que a presença do HIV-Sida significa que há vários milhões de moçambicanos com o sistema imunológico frágil, um grupo particularmente sensível ao COVID-19. Estudar a anatomia da nossa vulnerabilidade ajuda a entender a estrutura da sociedade, as prioridades políticas, recordando-nos que, apesar das desigualdades que caracterizam o nosso país, as nossas vidas e os nossos futuros são parte do mundo.

Em paralelo, há sempre algo que se pode aprender do Sul global.

Uma das importantes lições da Ásia (China, Coreia do Sul) tem a ver com a rapidez na despistagem dos doentes infetados e, sobretudo, na testagem gratuita. A presença do Estado, através de programas de apoio e promoção da saúde pública leva a que todos os cidadãos, sem diferença de rendimentos, possam acorrer a centros de saúde, em busca de apoio. No caso de África, as consequências de recentes epidemias e pandemias (por exemplo, síndrome respiratória aguda grave, pandemia de H1N1 e o Ébola, este último com uma taxa de letalidade de 50%) destacaram a importância da rede de saúde pública, incluindo sistemas de vigilância de doenças e redes de laboratórios, bem como a capacidade humana bem treinada.

Como vários médicos e epidemiologistas africanos têm vindo a reafirmar, usar as lições do Ébola ajudará a debelar a pandemia do coronavírus. Isso significa seguir todos os métodos de prevenção: evitar o contato direto - como o Ébola; lavar as mãos - como o Ébola; evitar locais públicos. Prevenção e controlo, contando com o apoio das comunidades, parecem ser as ações-chave da experiência exitosa no debelar de um vírus tão contagioso e letal como o Ébola.

Compreender as redes globais de contato e contágio que estão na origem das epidemias, assim como os contextos que as alojam é importante, pois as interpretações que oferecemos têm consequências, das

quais somos responsáveis. Por exemplo, a fixação no COVID-19 desvia a atenção das consequências sociais, económicas e políticas – igualmente importantes – das intervenções em saúde pública. Desvia a atenção de outras doenças que continuam a matar no continente, como a tuberculose, a varíola, a malária, a cólera, etc.

Importa procurar compreender estas epidemias, em cada caso, a partir de uma análise cuidadosa da relação entre a natureza e a sociedade. A agricultura industrial tem vindo a invadir os habitats de animais que são hospedeiros naturais de agentes infecciosos, como morcegos, civetas e pangolins, por exemplo. E a chegada da agricultura intensiva tem levado muitos camponeses a perder o acesso à terra, empurrando-os para as franjas das cidades. Análises criteriosas e a disseminação de notícias e de experiências bem-sucedidas, por outro lado, são atos de solidariedade, de coconstrução de conhecimento sobre o ciclo de qualquer epidemia. Como as informações revelam, as epidemias perturbaram as economias, promovem ou atenuam a estigmatização de indivíduos, grupos, localidades, comportamentos e estilos de vida. A nossa solidariedade com os italianos e chineses, vítimas de racismo e xenofobia, é total. Estamos perante um desafio à escala da nossa humanidade. Se há algo que aprendemos com o Ébola é que importa lutar pela assistência médica universal, para garantir que o poder dos saberes médicos contemporâneos sejam usados para benefício de todos, e não apenas de alguns. Não é o vírus que está em causa – somos nós, humanidade.

---

**Maria Paula Meneses** é investigadora coordenadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, integrando o núcleo de estudos sobre Democracia, Cidadania e Direito (DECIDE). É doutorada em antropologia pela Universidade de Rutgers (EUA) e Mestre em História pela Universidade de S. Petersburgo (Rússia). Em 2019 foi investigadora visitante junto da Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris. De entre os temas de investigação sobre os quais se debruça destacam-se os debates pós-coloniais em contexto africano, o pluralismo jurídico - com especial ênfase para as relações entre o Estado e as 'autoridades tradicionais' no contexto africano -, e o papel da história oficial, da(s) memória(s) e de 'outras' narrativas de pertença nos processos identitários contemporâneos. Tem participado em vários projetos de investigação que resultaram na organização e publicação de vários livros e artigos. Leciona em vários programas de doutoramento do CES, sendo co-coordenadora do programa de doutoramento em 'Pós-colonialismos e cidadania global'. Co-coordena com Boaventura de Sousa Santos (CES) e Karina Bidaseca (CLACSO) o curso internacional 'Epistemologias do Sul' (CLACSO-CES). Anteriormente foi Professora da Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique). Tem o seu trabalho publicado em diversos países, incluindo Moçambique, Espanha, Portugal, Brasil, Senegal, Estados Unidos, Inglaterra, Argentina, Alemanha, Holanda e Colômbia.



**EPISTEMOLOGIAS  
DO SUL**



**ces** Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.

Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.

Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.

## NOVA PUBLICAÇÃO CES-ALICE

# *Mestras e Mestres do Mundo: Coragem e Sabedoria*

## AN Original

2020-03-14

Por Teresa Cunha, Boaventura de Sousa Santos, João Arriscado Nunes, Susana de Noronha

*Ser genial não chega, é preciso coragem para mudar os corações das pessoas!* A frase, saída de um [filme](#), [Farrelly, Peter. (2018). *Green Book*], misturando facto e imaginação, vida real e estória contada, sublinha a matriz da nova publicação *Mestras e Mestres do Mundo: Coragem e Sabedoria*. Resultante do projeto «ALICE - Espelhos estranhos, lições imprevistas: definindo para a Europa um novo modo de partilhar as experiências do mundo», coordenado por Boaventura de Sousa Santos, e financiado pelo Conselho Europeu de Investigação, agrega e difunde as vidas, vozes e gestos de Mestras e Mestres que nos apontaram novas formas de viver, compreender e agir sobre o mundo.

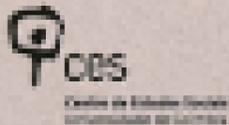
Falamos de ativistas, académicas/os, intelectuais, artistas ou escritoras/es que se destacaram na luta contra as diferentes formas de opressão, construindo caminhos de justiça social, cognitiva e sexual. São vidas e vozes do Sul global que ecoam nos lugares do Mundo, continuando a encontrar ressonância nos chãos de todas e todos os que carregam a vontade de tecer uma vida mais justa e digna. Como diz o provérbio, é “escolher a coragem em vez do conforto”, é avançar sabendo que há riscos. Estar na luta, ser insurgente, requer coragem, é fazer do conhecimento um gesto de punho fechado, mobilizando outros, juntando uma multidão, derrubando muros.

O **primeiro capítulo** abre-se a **14 de março**, com Marielle Franco, caída pela força da bala, mas sempre levantada, sempre “presente”, “nunca largou a mão de ninguém”, ainda vive, ainda nos chama! A apresentação e lançamento desta nova publicação acontecerá no seminário [O capital agrário, as lutas pela terra e as Epistemologias do Sul. Uma leitura a partir da África Austral](#), integrado no ciclo “[Construir as Epistemologias do Sul](#)”, que decorre no CES|Alta (sala 1), a 2 de abril de 2020. A cada mês, serão abertas duas novas páginas, folheando as vidas de gente com rosto, nome e estórias que se agigantam, fazendo-nos crescer.

*Mestras e Mestres do Mundo* é uma obra coordenada por **Boaventura de Sousa Santos, Teresa Cunha, João Arriscado Nunes e Susana de Noronha** e escrita no coletivo, aproximando gente de vários continentes e campos de investigação e atuação, continuamente aberta a novos capítulos e contribuições. Numa linguagem que seja entendida por todas e todos, estende-se o convite a quem queira trazer para a escrita, mais uma mulher, homem, criança ou gente sem vínculos a predefinições de género, que nos tenham ensinado e abastecido com outros saberes, criando pedaços para um outro Mundo.

As propostas de colaboração para submissão de novos textos podem ser enviadas para [mestrxs@ces.uc.pt](mailto:mestrxs@ces.uc.pt)

[As regras editoriais podem ser consultadas AQUI](#)



# MESTRAS E MESTRES DO MUNDO: CORAGEM E SABEDORIA

Coordenadoras  
Bauventura de Sousa Santos  
Teresa Cunha  
João Arriscado Nunes  
Susana de Moronha



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.  
Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.  
Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.

# O neoliberalismo e o estatismo autoritário em tempos de crise: a pandemia do Covid-19 e a força da confiança e da solidariedade

## AN Original - Alice Comenta

2020-03-10

Por José Manuel Mendes

Este artigo faz parte da série Alice Comenta da autoria da equipa do Programa de Investigação Epistemologias do Sul, publicada no Alice News com cadência semanal.

*“É ainda por isso que esta epidemia não me ensina nada, senão que é preciso combatê-la a teu lado. Sei, de ciência certa... que cada um a traz em si, a peste, porque ninguém, não, ninguém no mundo está imune à mesma... O que é natural é o micróbio. O resto, a saúde, a integridade, a pureza, se o quiserdes, é um efeito da vontade e de uma vontade que nunca deve parar.”*



Este é um extrato da *Peste* de Albert Camus. O mesmo evidencia que, em último caso, numa situação extrema de crise e de emergência, conta a solidariedade e a confiança, não o conceito abstrato e vazio de capital social, mas a força da vontade e a coesão do coletivo.

A pandemia do Covid-19 desenrola-se dentro dos pressupostos do capitalismo atual, adaptado tanto a um neoliberalismo feroz como a um estatismo ditatorial. No neoliberalismo reinante o Estado mantém a sua importância e, mais do que tudo, é essencial para a plena consecução das políticas neoliberais. O Estado é o último recurso para manter em funcionamento o sistema económico em situações de crise e resgatar, sem quaisquer custos a imputar às empresas, aos bancos ou aos agentes económicos, as perdas possíveis de negócios e de lucros. E mais, o capitalismo, na sua encarnação neoliberal, vai aproveitar a crise, as mortes, o sofrimento, as quarentenas, para aprender e se reestruturar, como bem ilustra a capa infame da edição do *The Economist* de 7 de março de 2020, com o título *The right medicine for the world economy*. Tudo, claro, assente na noção de “destruição criativa” de Schumpeter (pg. 60 da respetiva edição).

O estatismo ditatorial prevalecente no regime chinês seguiu o guião que já tinha sido mobilizado na crise da SARS em 2003, embora agora só na fase inicial. Manteve o secretismo, puniu os médicos que estavam reportando casos de pneumonia sem causas identificáveis e ativou mecanismos de contenção de forma tardia e dispersa. Posteriormente, e tal tem sido motivo de elogios em todo mundo, inclusive por parte da Organização Mundial de Saúde, implementou medidas draconianas, com quarentena de milhões de pessoas, limitação das liberdades e a ativação de uma vigilância feroz de cada cidadão e cidadã nas zonas afetadas, utilizando os telemóveis e as redes sociais, etiquetando os/as afetados/as com cores conforme o nível de contacto com a Covid-29 e alertando todas as pessoas sobre a proximidade de alguém infetado. Quão premonitório foi o artigo de Roger Clarke quando, em 1988, cunhou o conceito de “dataveillance” para caracterizar as infraestruturas emergentes de monitorização e de vigilância recorrendo às tecnologias de informação (ver a este propósito o interessante artigo de [Deborah Lupton](#), publicado no seu blogue, sobre a quarentena digitalizada).

As pandemias dos séculos XX e XXI são o efeito direto dos processos de urbanização desenfreados, com a criação de conurbações gigantescas que penetram, ocupam e procuram domesticar espaços rurais ou vazios, albergando milhões de pessoas desenraizadas à força e concentradas em habitações insalubres, constituindo mão-de-obra acessível para todo o tipo de produção, como, por exemplo, Wuhan, o centro da pandemia Covid-19, conhecida como a nova Detroit dado o seu papel preponderante na construção automóvel a nível mundial (ver a este propósito, o artigo de [Keil, Connolly e Ali](#)).

A nível de regulação do risco, a Organização Mundial de Saúde, ao recusar-se declarar o Covid-19 uma pandemia, por memória organizacional das declarações catastrofistas da sua anterior dirigente máxima, Margaret Chan, aquando da eclosão da Gripe A em 2009, induziu nos cidadãos e cidadãs uma perceção de falsa segurança e de menorização das medidas ativas de proteção. Tal verifica-se em Portugal, apesar do trabalho eficaz de comunicação de risco da Diretora-Geral de Saúde, Graça Feitas, com tomadas de posição firmes e indiciadoras de cenários mais pessimistas. Contudo, a experiência vivida pela população da Gripe A e a constatação do seu impacto mitigado, originou na prática uma menor proatividade nas medidas de precaução quanto ao Covid-19, visíveis na quase inexistência de recipientes de desinfeção das mãos em espaços comerciais e estabelecimentos públicos e nas normas diárias de convívio social e de saudação, além da ativação tardia dos planos de contingência, e muitas vezes de forma mitigada ou tímida.

A possibilidade de resposta a uma pandemia depende da força e qualidade das relações sociais, da robustez das instituições e de uma política de informação baseada na transparência e na atualização constante. Como bem refere [Howard Merkel](#), no seu artigo na revista *Wired*, e cito: “Os casos históricos de maior sucesso a nível da saúde pública incluíram sempre confiança, relações de cooperação entre as autoridades de saúde, os dirigentes governativos e os cidadãos. No controlo epidémico, a comunicação aberta e constante, o aconselhamento psicológico, comida, água, conforto, entretenimento e instalações confortáveis e conectadas socialmente para os que estão de quarentena são também essenciais”.

A pandemia do Covid-19 é um teste à qualidade das instituições democráticas, à qualidade dos serviços médicos e sanitários e à força dos laços sociais e da solidariedade. Só uma política de verdade e transparência poderá vencer este desafio, bem como a participação informada de todos e todas nesta caminhada que exige ponderação, sensibilidade e proatividade.

---

**José Manuel Mendes** é doutorado em Sociologia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, onde exerce as funções de Professor Associado com Agregação. Investigador do Centro de Estudos Sociais, tem trabalhado nas áreas do risco e da vulnerabilidade social, planeamento, políticas públicas e cidadania. É coordenador do Observatório do Risco - OSIRIS, sediado no Centro de Estudos Sociais, e Diretor da Revista Crítica de Ciências Sociais.



EPISTEMOLOGIAS  
DO SUL



Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura



Universidade de  
Coimbra - Alta e Sã  
inscrita no Livro do Património  
Mundial em 2013



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.  
Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.  
Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.

# El “desenvejecimiento” del mundo

## AN Original

2020-02-26

Por Boaventura de Sousa Santos

En la vida personal, el envejecimiento depende menos de la edad fisiológica que de la edad social. La edad social es inversamente proporcional a la capacidad de pensar, sentir y vivir lo nuevo como futuro, como tarea, como presente por vivir. Se es tanto más joven cuanto mayor es la capacidad de vivir la vida como si esta fuese una experiencia de nuevos comienzos constantes que apuntan, no a repeticiones del pasado, sino más bien a futuros –mapas por explorar y caminos por recorrer con disposición a enfrentar riesgos, asumir ignorancias y responder a nuevos desafíos. Es el futuro como anticipación, como “todavía no”, como latencia, como potencia. Como sabemos que nunca vivimos sino en el presente, el futuro es siempre el presente incompleto, el presente como tarea, como acontecimiento, del que somos personalmente responsables. Tener futuro es ser dueño del presente. Por el contrario, se es tanto más viejo cuanto más convencido se está de que el mundo ya ha decidido por nosotros lo que podemos esperar o no esperar y que, en consecuencia, el futuro está cerrado. Envejecer, por tanto, es vivir en constante repetición, como si cada repetición fuese única e irreplicable. Es pasar los días con la indiferencia del paseo diario.



@thomaskinto

Hay tres formas de vivir en constante repetición: como si el pasado fuese un eterno presente y tanto las rutinas como las instituciones y las noticias lo confirmasen día a día (envejecimiento por muerte viva); como si el pasado hubiese pasado dejando tras de sí un vacío inquebrantable que solo la partida de cartas, la televisión o la conversación sobre enfermedades estarían en condiciones de eludir (envejecimiento por vida muerta); y, por último, como si tanto el pasado como el futuro fuesen igualmente distantes e inaccesibles, creando así el pánico insuperable de que solo el gasto excesivo del cuerpo en alcohol, en drogas, en el gimnasio, en la iglesia o en terapia podría evitar (envejecimiento por vida sin muerte).

En las sociedades de cuerpos industrializados e informatizados en las que vivimos se crearon servicios públicos y privados para asistir a las personas con más dificultades con la repetición de la repetición. En el fondo, se trata de normalizar la decadencia. En estas sociedades el envejecimiento es siempre el resultado de un agotamiento crónico de las energías gastadas o por gastar. Consiste en colgar el cartel

de entradas agotadas en la puerta del teatro de la vida, aunque no se haya representado ni una sola obra desde hace mucho tiempo, o incluso si nunca se ha hecho un primer ensayo.

En el caso de las dos primeras formas de envejecimiento, el objetivo es invertir en el pasado como si no hubiese pasado. Consiste en la cada vez mayor comercialización de servicios de envejecimiento conjunto. Generalmente son eficaces porque la invención de la repetición oculta astutamente la repetición de la invención. La idea básica es que las experiencias de envejecimiento, por insoportables que sean, siempre son más soportables cuando se comparten. En el caso de la tercera forma de envejecimiento, en lugar de la omnipresencia del pasado, se busca la omniausencia del pasado, un eterno presente que dispense al futuro de tener que atormentar a los vivos con las malas noticias que todavía no son noticia. Son las técnicas de envejecimiento por rejuvenecimiento. Se trata de una versión modificada de la metáfora de la película “El curioso caso de Benjamin Button”, basada en el cuento de F. Scott Fitzgerald, en el que el protagonista nace viejo y rejuvenece a medida que pasa el tiempo hasta morir siendo un bebé. Con las técnicas de envejecimiento por rejuvenecimiento, el reloj de la estación de ferrocarril de la pequeña ciudad sureña de Estados Unidos, en lugar de ir hacia atrás, se detiene, y con él también se detiene el tiempo.

Como he mencionado, la edad social no coincide con la edad fisiológica, pero la falta de coincidencia es mayor o menor dependiendo de los períodos históricos, los contextos sociales y los factores colectivos que los caracterizan. Lo mismo ocurre con las sociedades. El mundo industrializado en el que vivimos comenzó a envejecer aceleradamente en la década de 1980. De repente, el futuro se cerró, el nuevo sentido común de que no había alternativa a la sociedad capitalista injusta, racista y sexista en la que vivíamos entró en nuestros hogares más rápido que cualquier entrega de pizza a domicilio o ubereats, se difundió a través de los noticiarios, de las redes sociales emergentes y de la sabiduría pret-à-porter de la “comentocracia”. Nuevas experiencias y expectativas de la vida colectiva estaban desacreditadas para siempre, el mundo era naturalmente injusto, los ricos eran ricos porque lo merecían y los pobres eran pobres de todo, pero sobre todo de juicio, teníamos que vivir con la imperfección, incluso si esta podía reducirse reemplazando la racionalidad de los mercados por la irracionalidad del Estado, a costa del que vivían los menos capaces de sobrevivir en una sociedad competitiva. La primera ministra de Reino Unido, Margaret Thatcher, decretó mejor que nadie la muerte del futuro: “There is no Alternative”, la famosa consigna TINA. Y Francis Fukuyama transformó esta muerte en el triunfo final de la sociedad occidental –“el fin de la Historia” –, aprovechando el hecho de que Friedrich Hegel, fallecido desde 1831, no podía rebelarse contra una interpretación tan burda de su filosofía de la historia. El cemento desarmado con la caída del Muro de Berlín se fue rearmando en mil cementerios del futuro que se fueron construyendo en todo el mundo. Y se necesitaban muchos para enterrar tanto futuro.

Este gran procedimiento para envejecer el mundo se traduce hoy de modo predominante en la primera forma de envejecimiento mencionada: el envejecimiento por muerte viva. Pero las otras dos formas de envejecimiento están igualmente presentes. El envejecimiento por vida muerta es la forma de envejecimiento preferida por los fundamentalistas religiosos. Actúan sobre el vacío provocado por el pasado y prometen hacerlo renacer bajo la forma de un futuro glorioso en otro mundo. Para los promotores de este envejecimiento, la vida que vivimos está muerta y solo puede resucitar cuando los relojes de la historia comiencen a andar hacia atrás o cuanto todos, al unísono, empiecen a dar la hora final de la eternidad. No hay responsabilidad social por la injusticia. Hay, eso sí, culpa por sufrirla; y la única solución es expiándola.

La tercera forma de envejecimiento (vida sin muerte) es la que domina en la generación de los millenials, la que nació al inicio del período en que el teatro del mundo cerraba la cortina de un futuro diferente y mejor. Fue una generación condenada a nacer vieja. Nacieron sin el pasado del futuro porque entretanto la idea de la alternativa había desaparecido del horizonte. Por eso, nunca se les ocurrió derribar el sistema injusto que les robaba la esperanza de un futuro diferente y mejor. Su objetivo fue tener éxito personal dentro del sistema. Sacrificaron tiempo, derechos, ocio y placer con la esperanza de una victoria que, para la gran mayoría, nunca llegó. Querían vencer al sistema, venciendo en el sistema. Era precisamente lo que quería el sistema para vencerlos de manera más eficiente. Esa generación es hoy la que domina en la tercera forma de envejecimiento (vida sin muerte).

La geopolítica de las estrategias de envejecimiento merece un análisis más detallado que no cabe hacer aquí. Por ahora basta tener en mente que ni el mundo envejeció de manera uniforme, ni las formas de envejecimiento se distribuyeron por igual en el planeta. Fue sobre todo en el llamado Norte global donde, paradójicamente, las personas pasaron a querer vivir más tiempo sin haber sido consideradas viejas. Lo que quiero destacar en este momento es que están surgiendo señales concluyentes de que el proceso de envejecimiento del mundo no es irreversible. No se trata de rejuvenecer lo que, como mencioné arriba, es una forma de engañar al envejecimiento. Se trata más bien de “desenvejecer”, es decir, de volver a creer en un futuro diferente y en la capacidad para luchar por su realización. Se trata de rechazar la repetición infinita del presente porque está conduciéndonos inexorablemente hacia el abismo.

Emerge un deseo de lo nuevo que no es una barbarie, porque la barbarie es donde ya estamos. En todo el mundo están surgiendo revueltas de personas de todas las edades fisiológicas porque, como dije, la diferencia fisiológica no cuenta en la perspectiva del envejecimiento o desenvejecimiento del mundo.

Presencias colectivas de jóvenes y viejos ocupando las calles y las plazas públicas del mundo contra la política de la repetición y los políticos repetidos, de Chile a Italia, del Líbano a la India. Son los nuevos insurgentes disconformes con la inminente catástrofe ecológica; la concentración escandalosa de la riqueza; la captura de las instituciones democráticas por antidemócratas; la irracionalidad de los mercados supuestamente racionales; el robo de proporciones gigantescas de nuestra privacidad e intimidad por los nuevos robber-barons Google, Facebook, Amazon o Alibaba; la indiferencia grotesca por el sufrimiento de inmigrantes y refugiados muertos en el mar, en la selva, en el desierto o depositados en campos de concentración, como si Auschwitz fuese apenas una memoria cruel, hoy superada por la victoria del bien sobre el mal.

Las fuerzas políticas de derecha, que siempre se han alimentado del envejecimiento del mundo, claman asustadas contra lo que designan como insolencia, como si no fuese insolente todo lo que llevó a los nuevos jóvenes y los nuevos viejos a tomar las calles para desenferecer. Las mismas fuerzas argumentan que no existen propuestas, o sea, repeticiones, las únicas novedades que reconocen. Pero la verdad es que hay propuestas. De la India a Chile, las fuerzas represivas y los partidos políticos se enfrentan a la indignación de los desenferecidos contra la letra muerta de tanta constitución. Se enfrentan a propuestas de asambleas constituyentes populares plurinacionales. Se enfrentan a propuestas de transportes públicos eficaces y gratuitos como ejercicio de la economía de cuidado con la naturaleza. Y se enfrentan, sobre todo, a la celebración de la diversidad nacional, cultural, religiosa y sexual; a la búsqueda de zonas liberadas del capitalismo, el colonialismo y el patriarcado; a la exploración de formas de economía comunitaria, campesina, indígena, familiar, feminista, cooperativa.

En la medida en que el mundo desenferece, los poderes que produjeron el envejecimiento del mundo e hicieron del mismo la industria de su eternización se enfrentarán cada vez más a la insolencia causada por su propia insolencia. ¿Enferecerán?

---

Traducción de Antoni Aguiló y José Luis Exeni Rodríguez



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.  
Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.  
Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.

# Southern Africa: Rural Women's Assembly - 10 years on AN Original

2020-02-17

By Rural Women's Assembly (RWA)

Rural Women's Assembly (RWA) of Southern Africa gathered together at Wits University, in Johannesburg from 26-29th November, 2019 to reflect on the ten years since our founding assembly in 2009. We have much to celebrate:



## Our Solidarity

Today, RWA exists in South Africa, Mozambique, Malawi, Lesotho, Namibia, Swaziland, Zambia, Zimbabwe and Mauritius. We represent rural women in their great diversity – as small-scale farmers, farm workers, peasants, poor landless women, fishers, indigenous women, care givers, people living with disabilities, cross-border traders and LGBTIQ of Southern Africa, young and old. In this great diversity of language, culture, sexuality, histories and experiences we have managed to forge unity and solidarity

## Our Vision

The first Rural Women's Assembly in 2009 selected ***"We are the Guardians of Land, Life, Seed and Love"*** as the slogan to guide our approach and relation to nature and humanity. For the RWA we have identified land not simply as an "economic factor" but as a place of belonging, as a common territory, as our identity, our heritage and most importantly as life and therefore we have started a process of redefining, reshaping and reimagining our relationship to land. This relationship to land is also at the centre of our challenge to patriarchy and power.

## Our commitment to our world and our nature in times of climate and capitalist emergency

The world in which we find ourselves today, only one decade after our founding assembly is a harsher world, scientists tell us that we have already crossed a series of tipping points. This risk is "an existential threat to civilisation", they say, meaning "we are in a state of planetary emergency". We know this well as our members in many parts of Southern Africa have lived through many disasters such as cyclones, hurricanes, extreme drought and floods.

Our focus on who controls land and access to the means of producing food has brought in a strong awareness for us of the way capitalism and patriarchy have impacted on food sovereignty. We have come to realize that our right to land cannot be separated from our right to food and water. By controlling and destroying our rights to food, clean water, natural resources, indigenous knowledge and seeds, capitalism perpetuates violence against nature and society.

Patriarchal Capitalism is an expression of violence against women. Our struggle is also against systems of male dominance, discriminatory aspects of traditional culture, traditional authority and private

property. These systems manifest in high rates of child marriages, polygamy, disinheritance of women's rights to land and gender-based violence.

We demand legal reforms to ensure that the people who live on the land have user rights and security of tenure. We condemn governments' silence on this, and also question the role of traditional authorities who do not condemn these exploitative norms and practices.

In our evolution as RWA, our focus as custodians of seeds has become a pivotal point of resistance and alternatives to the poverty, food insecurity, inequality and violence that so many in our countries face. Africa faces a huge threat to its extensive mineral wealth and to its rich and diverse seed, food and farming systems, as multinational seed companies lay claim to seed varieties as their private possessions.

Africa's natural inheritance, all living resources and future of its lands, forests and oceans that are interconnected are threatened by the gross extractivism that started with colonialism and now continues to be perpetuated by international corporations and our own governments in partnership with large capitalist interests. This mining of our ecosystems and our natural wealth is steadily killing our living continent.

Our governments move blindly towards a regionally seamless and expedited trade in commercially bred seed varieties for the benefit, mainly, of the foreign seed industry. RWA calls for food sovereignty and challenges corporate capture on food and seed systems.

RWA says No to GMO seeds! As small scale farmers and producers of traditional seeds, we will defend, protect, share and control our indigenous and local seed systems. As RWA, we will endeavour to scale up indigenous seeds multiplication from household to community to national to Southern Africa regional level. We will advocate for the development of stand-alone indigenous seed policies. RWA will continue to fight against the criminalization of local seed saving and exchange. We will also preserve indigenous knowledge for future generations.

Rural women farmers know how to deal with insects without using pesticides, herbicides and insecticides. We also say NO to chemicals that harm our lives, our climate, and to the privatization of commons.

### **Our governance**

RWA rejects the notion that simply putting women in government on a 50-50 basis is sufficient to change power relations in these institutions. We require a commitment from all governments in the region to work towards the elimination of the system of patriarchy that perpetrates oppressive power relations between and feeds the on-going discrimination against women and girl children in our households, our communities, our workplaces and in all spheres of government. Patriarchy denies women and men their humanity. We strive to change all unequal power relations that deny our human dignity and freedoms.

### **Going Forward: Confronting the struggles and building alternatives**

In the process of building our movement, there is a deep recognition that it is not only men who are the carriers of patriarchal ideologies and values, as women, we too have internalized patriarchal norms, culture and religion. It is through political formation that a feminist consciousness is created based on an understanding of patriarchy and unequal power relations. We learn through struggle and reflection on our own experiences. It is in the struggle that we develop our consciousness and become the new human beings upon which a new society can be founded.

- Our role is to push back and challenge patriarchy at all levels from the home, the community and society at large. Rural women must claim and own their bodies, their personal intimate space and their place in society. We must demand that our connectedness to nature is respected. We are deeply committed to building this eco-feminist methodology, ideology and practice as we believe it provides a basis for an alternative, loving human-nature that will enable all life to thrive.
- Rural women in the SADC region are disproportionately affected by the deadly impact of the climate crisis. RWA commits itself to develop a feminist manifesto and establish a platform with a view to influence and join the local, regional and international movement for climate justice.
- RWA considers agro-ecology as an instrument for change in the face of climate emergency, for building resilience and as a method of empowerment of rural women farmers. We will pressurize governments to enact laws and policies as well as the allocation of financial resources for climate change adaptation and mitigation that will enable rural women to implement agro-ecology.

The RWA recognizes that we only have one home and that everything on our planet is connected through the web of life. Rural Women are building new ecologies and networks of solidarity as expressed in the evolving slogan of guardians of life, seeds, love, land and oceans based on protecting the source and developing systems of sufficiency.

RWA continues to place emphasis on the importance of globalizing this struggle, building hope and solidarity.



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.  
Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.  
Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.